crônicas sobre a segunda guerra mundial: sílvia de bittencourt (majoy) e o lirismo de seguindo a primavera

Chronicles on World War II: Sílvia de Bittencourt (Majoy) lyricism of *Seguindo a Primavera*

Rafael da Cruz Ireno*

Resumo

Este artigo discorrerá sobre o livro *Seguindo a Primavera (1951),* de Sílvia de Bittencourt (Majoy), uma recolha de crônicas escritas durante a Segunda Guerra Mundial. Trata-se, muito provavelmente, da única mulher no grupo de jornalistas do Brasil mandados para a Itália, enviada por uma agência americana para acompanhar o Vº Exército dos Estados Unidos durante o conflito. Aqui, pretendo formalizar e fomentar um debate a respeito desta figura singular, primeiramente, pelo seu quase apagamento completo da bibliografia sobre a participação do Brasil na guerra, em segundo lugar, pelos problemas concernentes à concepção de lirismo que o livro propõe.

* Doutorando na Universidade de São Paulo (DLCV-FFLCH). E-mail : irenorafa@gmail.com.
Artigo recebido em 11/01/2018 e aceito para publicação em 06/06/2018.

Palavras-chave

Segunda Guerra Mundial; Brasil; Correspondente; Crônica; Majoy

Abstract

This article addresses Sílvia de Bittencourt's (Majoy) *Seguindo a Primavera (1951),* a collection of chronicles written during the Second World War. The author was sent to Italy by a North American agency to follow the actions of the Fifth United States Army, and was, most likely, the only woman among the Brazilian journalists. Here, I intend to formalize and encourage a debate on this singular figure. Firstly, because of the almost complete oblivion regarding this author in the studies on Brazil›s participation in the war; secondly, because of the questions raised by the conception of lyricism proposed in the book.

Keywords

Second World War; Brazil; Correspondents; Chronicles; Majoy

Introdução

Li pela primeira vez a respeito de Sílvia de Bittencourt no final de minha pesquisa sobre *Crônicas da Guerra na Itália,* de Rubem Braga, numa breve passagem do livro *O Rádio na Segunda Guerra Mundial,* de Rose Esquenazi, a qual conta a história de Francis Hallawell, o Chico da BBC, designado pela rádio londrina para cobrir a participação brasileira no conflito internacional. A autora escreve o seguinte:

> Correspondente da UP (United Press) e também colaboradora da BBC, Sílvia de Bittencourt, a Majoy, foi a única mulher do grupo dos brasileiros. Em seus relatos, ela preferiu falar sobre as flores e as belezas das cidades italianas, embora incluísse alguns momentos de tensão vividos pelos soldados. No livro *Seguindo a Primavera*, foram reunidos 163 textos que mostraram as longas distâncias que Majoy percorreu de *jeep,* muitas vezes ao lado dos militares americanos e do ministro da Guerra, Eurico Gaspar Dutra. Foi ferida por estilhaços de uma bomba, sendo atendida pela Cruz Vermelha americana em um hospital de Capri. (ESQUENAZI, pp.145-146, 2014)

Publicado pela Biblioteca do Exército Editora em 1951, sem outras edições, *Seguindo a Primavera* não é difícil de se encontrar na internet e, logo que o adquiri, foi possível notar certo contraste nas folhas amareladas, porém, ainda seladas do livro que evidenciavam que ninguém havia lido o exemplar apesar de seus 66 anos. Com efeito, a participação do Brasil na guerra é pouco conhecida – dos testemunhos de pracinha, passando pela narrativa dos correspondentes de vários jornais, relatos oficiais, de modo geral, o registro desta experiência continua com pouco destaque na historiografia[1] e, dentro deste universo já restrito, a correspondente é quase por completo ignorada. Motivo de surpresa, visto que, como a historiadora escreve acima, trata-se da única mulher do grupo, talvez, a única brasileira na função de jornalista na Segunda Guerra Mundial.

Majoy[2] seguiu a trilha do exército norte-americano, passando pelas cidades de Natal, Dakar, Akra, Marrakesk, Casablanca, Oran, Argel, Sidi Bel Atibés; andou por Nápoles e Roma recentemente conquistadas. Cobriu também o avanço dos aliados no sul da França, visitou a Grécia e, após declarada a paz, seguiu para Viena com o General Clark, esteve no campo de concentração de Dachau, entrevistou militares diretamente ligados aos extermínios de Auschwitz e

assistiu aos julgamentos de Nuremberg. Em outras palavras, trata-se de uma testemunha brasileira próxima de eventos muito relevantes da Segunda Guerra Mundial. Desta maneira, o presente artigo pretende compartilhar as informações recolhidas até agora, ao mesmo tempo em que faz uma breve análise de *Seguindo a Primavera.*

O problema das flores – o lirismo de Majoy

É quase certo que um dos fatores que contribuíram para esta situação de esquecimento se relacione à baixa qualidade da edição: primeiramente, não se identificam as divisões propostas, isto é, a dedicatória, primeira e segunda parte, não se diferenciam de supostos capítulos (intitulados "país azul"; "país verde"; "país vermelho"; "país de ouro"). Na verdade, passa-se por tudo isso sem perceber, de modo que se cria um obstáculo para o leitor acompanhar as andanças da cronista. Por sua vez, a diagramação dos textos segue, ao que parece, um princípio de economia de papel, sobrepondo um texto atrás do outro. Nada se sabe das condições de produção ou publicação das crônicas, não há nenhuma informação sobre as agências de notícias (UP, a BBC ou Correio da Manhã). Aparentemente, assim como Rubem Braga, ela não tinha acesso ao sistema de telégrafo, o que deve ter atrasado consideravelmente a divulgação dos textos no Brasil. Enfim, a experiência de leitura é trabalhosa, "engasgada" e, nos moldes que se apresenta nesta edição, dificilmente atrairia um público não especializado. Contudo, outro fator pode ter determinado a situação atual deste livro, a saber, certo desvio de propósito, ou melhor, um excesso de lirismo atribuído à escritora por sua preferência em "falar sobre flores e as belezas das cidades italianas" em vez de se concentrar na guerra, nos assuntos militares, técnicos, nas batalhas em si, nos mortos e nas barbáries daquele instante. Esta visão pertence, prioritariamente, a Leonardo Guedes Henn como se lê ainda no trabalho de Rose Esquenazi:

> O historiador Leonardo Guedes Henn criticou o tom excessivamente lírico de Majoy. Para ele, Majoy fugia da realidade ao não encarar os corpos de fascistas italianos mortos e exibidos em praça pública. "Por quê?", perguntou-se a jornalista. "Tem tanta coisa no mundo dos horrores, que não precisa dos olhos inexperientes em política, de quem mesmo na guerra sempre procurou flores". (Idem, p. 146).

Henn foi o primeiro pesquisador a indicar a participação de Sílvia de Bittencourt na Segunda Guerra Mundial. Como dedicou seu artigo3 ao estudo dos correspondentes brasileiros que acompanharam a Força Expedicionária na Itália, naturalmente, não se deteve nos relatos da cronista, porque Majoy ficou pouco tempo na companhia dos pracinhas. Assim, depois de apresentá-la e esboçar um comentário biográfico, tece a seguinte crítica:

> Sobre os brasileiros, é interessante um comentário a respeito de Sílvia de Bittencourt. Como já foi mencionado, ela teve duas rápidas passagens pelas tropas brasileiras, pois pertencia ao quadro de correspondentes da UP, que faziam a cobertura da guerra em geral na Europa. Os textos de Sílvia, em comparação com o estilo pomposo do jornalismo brasileiro da época, destacavam-se por estarem entre os mais líricos. Na coletânea de suas crônicas de guerra, publicada em 1951, por mais incrível que possa parecer, encontram-se mais referências a flores e obras de arte renascentistas do que a combates. Através da leitura de seus despachos, pode-se dizer, sem exagerar, que a impressão é de estar

> diante de um relato de viagens de férias. Pelo que se percebe, a sua preferência era pelo contato com os quartéis-generais, pelo hotel destinado aos correspondentes em Roma e por passeios pelos pontos turísticos italianos. Em vários de seus despachos, esta jornalista revelou que, seguidamente, era advertida pelos oficiais para que utilizasse o capacete. Segundo ela, o porquê disto ocorrer era decorrente do fato de ela distrair-se com as belezas naturais da região, não imaginando que, em meio a tão bela paisagem, pudessem ocultar-se perigos. (HENN, p.186, p. 2006)

Para justificar seu ponto de vista, ele usa o seguinte trecho de *Seguindo a Primavera*, no qual Majoy relatou o trabalho da Força Aérea Brasileira (FAB) próximo de Pisa:

> Era em Pisa ao anoitecer. A tarde estava verde-rosa, desbotando no azul. Era um vestido de menina-moça que gosta de ternuras. E então lá do fundo do horizonte uns pontinhos luzentes apareceram... Era a volta dalguma perigosa missão – pois os nossos fizeram bonito – e a mais sensacional fotografia da guerra (a de um comboio da Cruz Vermelha Alemã carregando armamentos) foi tirada por eles. – E assim brilhantes no céu faceiro eles pareciam prender "decorações", medalhas no céu que recebia a batalha do seu voo (BITTENCOURT, 1951, p. 63-64).

A narrativa de Sílvia de Bittencourt não dá conta daquela realidade, gerando uma espécie de frustração para os interessados no assunto, sobretudo, se o leitor procurar um documento que comprove ou refute a História. Contudo, apesar de identificar bem o problema da perspectiva de Majoy, a crítica de Henn me parece equivocada ao focalizar no lirismo, ao se concentrar na quantidade de referências às flores em relação ao número de combates descritos, isto é, ao basear seu julgamento numa espécie de contraposição direta entre a beleza e a barbárie, por fim, em classificar o livro como um "relato de viagem de férias". Embora toque num ponto importantíssimo da discussão, o caráter imediato do argumento o torna relativamente fácil de ser refutado, por exemplo, se lermos a crônica *Pisa – A Morta*, escrita em agosto de 1944, alguns meses antes do encontro com a FAB:

> **A primeira vez em que o silêncio me pareceu temivelmente, horrível foi em Pisa**, a Morta. Pisa, a dilacerada. Lembra o horror dos trezentos e cinquenta cadáveres de reféns que a morbidez e a burocracia deixam expostos, em Roma lá onde os alemães os executaram, patéticos e pavorosos sem o direito de desaparecer. Assim nos aparece Pisa.
>
> Nesta guerra de surpresas, onde o civil é quase tão visado em sua casa como o soldado no campo de batalha, não é de surpreender que a Torre Inclinada continue em seu equilíbrio paradoxal – na terra onde a metralha e as sacudidelas destruidoras tudo destroçaram em volta. Uma hora depois da nossa partida voava uma fábrica de produtos químicos, batida por uma bomba que caiu do céu e com a qual colaborou uma mina que já estava na terra.
>
> **Assim andamos. Só vive quem Deus marcou com o sinal da sua proteção.**
>
> Para sair de Pisa, se uma rua aparece vedada, o *jeep* tem de circular quilômetros para um lado ou outro. Fomos parar perto de Florença, pois não havia lugar para virar a máquina; fora da estrada de rodagem tudo está minado; ao menor movimento errado no volante, não seriamos mais do que estilhaços no monturo de estilhaços semeado pela guerra. **Geralmente essas coisas não me impressionam muito; é**

> **da crueldade moral que eu tenho medo**. Mas é que Pisa impõe-nos essa sensação de martírio, de execução. Cassino não é mais que pedra, rochedos a confundirem-se com pedregulhos manipulados pelos homens. Mas têm grandeza heroica as ruínas violentas do Mosteiro, e há uma alma de combate na cidade desaparecida. (Idem, pp. 30-31, grifos nossos)

Assim como acontece neste trecho, a presença da narradora é constante em todo o livro, preenchendo os textos de impressões pessoais como as destacadas em negrito, com a especial atenção para a frase que menciona Deus, revelando o forte catolicismo da autora, que igualmente percorre muitas páginas. A escolha lexical também é relevante, porque não representa nenhum desafio ao leitor, pelo contrário, trata-se de uma escrita adaptada às demandas do jornal. Agora, voltando à crítica anterior, esta passagem não fala de flores, pouco tem de lírico e, com certeza, não se assemelha a um relato de férias, visto as referências aos cadáveres, que continuam no próximo parágrafo:

> Em Pisa há cadáveres. Cadáveres de casa, em pé, mutiladas, torturadas, cegas. A natureza não ajuda a remediar, com um bocado de vida, esse silêncio pesado e triste em que não há grandeza, esse silêncio completo, compacto, assustador, onde a vida deixou apenas a sua caricatura trágica, e não há ninguém, ninguém, ninguém. Nem um pássaro. Nem um gato rondando. Nem o escorregar assustado de uma lagartixa. Nem o mover de uma flor na haste. É o espectro da guerra e da morte. Uma visão do mundo.
>
> Depois chegam pontuados na campanha romana, os campos deliciosos do Lácio, rendados pelos elmos, travejados pelos negros ciprestes aristocráticos, esses campos onde as mulheres novamente plantam, manejando os velhos arados puxados pelos bois meigos, e harmoniosos, e pesados, que há tantos séculos encantam as paisagens da Itália, e os rebanhos cheios de cordeirinhos de Presépio – tudo isso era a visão clara de uma Ressurreição.
>
> Dourada Itália, onde a Eternidade dorme em Roma! Que uma centelha vibre em Pisa torturada, em Florência dilacerada! Que a Paz e a Vida voltem para junto de vós! (Idem)

Neste final da crônica, vislumbra-se certo lirismo desde as características humanas da cidade através dos adjetivos ligados ao corpo humano, no caso, aos cadáveres das casas, "mutiladas, torturadas, cegas", até a descrição bucólica dos "deliciosos campos do Lácio", símbolos da "Ressurreição". Há um evidente paralelismo criado entre os dois parágrafos, o primeiro descrevendo a morte e o segundo a vida, que encerra também um paralelo entre cidade e campo. Essa oposição se ancora num dado real: durante a Segunda Guerra Mundial; o civil era quase tão visado em sua casa quanto o soldado no campo de batalha. De fato, tratou-se do primeiro conflito em que morreram mais civis do que combatentes, numa proporção de 70% para 30%, dinâmica que causou um êxodo das grandes cidades. Outro aspecto que também se relaciona a um fator da realidade está na imagem da mulher trabalhando a terra, plantando e manejando o "velho arado" – tarefa geralmente relegada aos homens, que tinham sido requisitados pela guerra.

A maneira como Leonardo G. Henn organiza os argumentos não sustenta o teor crítico de seu comentário, uma vez que o relato de Majoy apresenta um testemunho íntimo da Campanha da Itália. A principal questão está na ideologia[4] impregnada na expressão da autora, não no lirismo propriamente dito, mas naquilo que o molda, porquanto este não configura totalmente uma fuga, pelo contrário,

como uma boa cronista, Majoy se adere à realidade; porém, seu relato fica a contento porque, em muitas páginas, imprime indiscriminadamente as suas crenças particulares no momento narrado, modificando-o de forma simplória. Falar das flores durante a guerra, de gloriosas cidades, da Arte Renascentista, das estações do ano, não é um impasse verdadeiro, o problema se encontra nos instantes em que essas coisas subjugam o reconhecimento das tensões daquela realidade, em outras palavras, o impasse está na compreensão dicotômica que divide a experiência entre a beleza versus barbárie (ou entre o bem e o mal), que deixa Sílvia de Bittencourt à margem da complexidade do evento histórico[5]. O problema se acha, então, quando um lado se sobrepõe ao outro, resultando em comentários disparatados como: "Foi no tédio seleto do Tribunal de Nuremberg que mais me impressionou, desde que venho correndo a Europa, a magia da linguagem da França. Tão grande, tão melodiosa, que nem a lista de crimes horrorosos apresentados como leitura insípida, conseguiu destruir a cadência nobre da frase." [Idem, 1951, p. 156]. Contudo, embora isso aconteça constantemente, existem instantes emblemáticos em *Seguindo a Primavera*, que apontam para um entendimento mais, digamos, multifacetado da Segunda Guerra Mundial, como na própria continuação desta crônica sobre o julgamento de Nuremberg.

> O banco dos acusados – exibição tão desconcertante como as atrocidades de que eles são culpados – ostentava suas vinte caras de uma humanidade sem interesse. Dir-se-ia que se sentiam mais acusados, sendo acusados em francês. Havia talvez um pouco de enervamento no ritmo com que mastigavam o *chewingum* – americanização adotada pela maioria deles, com solenidade germânica.
>
> A propósito, convém acentuar que os que dizem ser uma farsa o processo de Nuremberg, ou são alemães ou nada entendem do caso; o alvo é provar, provar com as máximas e mais insofismáveis garantias, provar perante a imprensa e a opinião de todo o mundo – aquela coisa horrível, monstruosa, quase inacreditável, que aconteceu.
>
> Depois dessa longa acusação francesa, ouvi ainda Madame Vaillant-Couturier. A sua frágil figura passou, falou; esteve presa num campo de concentração, e conta com uma simplicidade trágica o que sofreu. É viúva do diretor do *Humanité*, fuzilado pelos alemães. Foi eleita, como deputado, para a Assembleia Constituinte. Ninguém poderia ouvi-la, ouvir-lhe a voz francesa em que a tragédia se reflete ainda, sem sentir dentro do coração qualquer coisa funda e grave a condenar. (Idem)

O trecho acima capta um elemento importantíssimo: além dos julgamentos dos nazistas e da presença de Vaillant-Couturier – mulher que fez parte da resistência francesa, foi capturada e sobrevivente de Auschwitz – como se lê acima, Majoy observa a necessidade de provar os crimes contra a humanidade para que não haja nenhuma dúvida do que aconteceu, quer dizer, o relato identifica já ali a presença de posições negacionistas, que existem até hoje, a respeito do que foi o Holocausto, e manifesta a importância de combatê-las. Em resumo, classificar o livro como um "relato de viagens de férias" deslegitimaria completamente a narrativa de Sílvia de Bittencourt, anulando passagens como a deste caso, em que se enseja a superação da perspectiva dicotômica. Talvez por ser a única jornalista brasileira presente num dos eventos mais importantes do século passado, *Seguindo a Primavera* teria um lugar na bibliografia sobre o assunto. Julgo, no entanto, que o valor deste relato se encontra mais nas suas falhas e problemas do que em suas soluções, afinal de contas, resta-nos perguntar quais tipos de relações socioeconômicas inscritas na cultura brasileira poderiam produzir uma compreensão da realidade, às vezes, tão desacertada como a de Majoy.

A ideologia na obra de Sílvia de Bittencourt

Quando a correspondente estava na França, ela recebe o aviso de que o Ministro da Guerra do Brasil chegaria na Europa, portanto, ela precisa voltar à Itália para cobrir este acontecimento. Por algum motivo, não consegue transporte rápido e tem de esperar cinco dias sem comida ou lugar para dormir na região francesa da Côte d'Azur. Majoy escreve sobre esta experiência mais de uma vez nas páginas de seu livro:

> Em França, por causa do primeiro aviso secreto da chegada do Ministro da Guerra do Brasil na Itália (ele chegou em setembro depois do primeiro falso rebate) deixei meu acampamento que andava lá por Grenoble, Lyon, Besançon – e voltando ao Sul sem poder dizer o porquê, precisava regressar a Roma, - (pois assim requer a segurança pessoal que protege os grandes da terra) – eu que era só pequenina – só correspondente de guerra, fiquei sem eira nem beira, sem teto nem comida durante uns cinco dias na terra tostada de sol, onde cada passo que não era na estrada podia ser fatal de tão minada pelos alemães, e que era a lendária terra de nome heráldica, blasonada de ouro e azul: *la Côte d'Azur*! Noites de França sob o céu estrelado do verão provençal, que tentou tantos poetas – noites no acampamento verde, das tendas americanas, enquanto as horas noturnas corriam marcadas pelas constelações que vibraram na noite dos séculos para os chefes dos Francos, e que da cama de lona na barraca onde subitamente depois de fazer muito calor, fazia muito frio, se ouvia pertinho o escorregar de um riacho, "Argenteuil" de nome argentino e que contava à gente histórias numa linguagem límpida de Alphonse Daudet. Daquele mesmo bosque onde corria essa água inocente há horas apenas um tiroteio partira intenso jogando todos subitamente de barriga para o chão – exceto eu que não compreendia ainda os avisos sibilantes das balas... mas isso se aprende depressa, e é lição que não precisa ser repetida. O susto é grande demais. (Idem, pp.100 – 101)

Percebe-se prontamente uma demonstração do lirismo da jornalista na descrição do território. Verifica-se, igualmente, outra característica que implica no resultado de seu trabalho – a censura na proibição de dizer o motivo do retorno para a Itália, "aviso secreto" e no falso anúncio da chegada do Ministro, quer dizer, todas reportagens de guerra passam por controle de informação, de forma que a publicação final muitas vezes não corresponde exatamente às intenções do profissional. Atentem para o fato de que essas informações vêm associadas a uma rápida opinião sobre a função e posição da própria autora no conflito, que é "pequenina" em contraposição aos "grandes da terra". Por enquanto, vamos nos concentrar no significado da intensa valorização da França em *Seguindo a Primavera*, que toma forma na descrição idealizada do espaço e na figura de Alphonse Daudet. Efetivamente, cada crônica do livro é acompanhada por uma citação de abertura, as quais em sua maioria pertencem a escritores romanos, gregos, italianos, alemães e aos franceses, que ocupam um lugar privilegiado. O instante de maior exaltação acontece quando encontra o General Charles de Gaulle em Argel, no dia 14 de julho, conforme segue:

> Ontem almocei com um dos chefes da Resistência; essa Resistência francesa que sai dos seus esconderijos nos capoeirais, essa Resistência aberta ou secreta que nunca falhou, a que pertencem os mais orgulhosos patriotas; essa Resistência que hoje brilha

> porque, à medida que surge a luminosidade da Paz, De Gaulle se afirma.
> Há os fanáticos, como em todas as religiões. Há os moderados, envoltos na cultura da França sempre risonhamente cética, sempre implacavelmente lógica, sempre douradamente entusiástica, como o som do clarim francês. Mas em todos esses há para De Gaulle uma expressão somente: - o Amor. E uma única manifestação: - a Bravura.
> Com os correspondentes de guerra, unidos e sempre prontos a se ajudarem entre si, fomos seguindo. Fascinada, subi por um jardim de paisagem brasileira: - lá em cima é o Monumento aos Mortos. O som triste, militar, vibra saudando os que tombaram. "*Debout, les Morts c'est la France qui vit*". É a França eterna, é a nossa França que encontramos ali. (Idem, p.17)

Essa admiração excessiva remete a traços implicados na educação da alta sociedade brasileira da primeira metade do século XX, que assimila para si os valores, até certo ponto, progressistas da "nossa" "França eterna" como diz Majoy, mas, nacionalmente, assume caminhos conservadores como o fato de ignorar a existência da Arte Moderna em suas citações. De fato, o sistema de referências artísticas de *Seguindo a Primavera* está circunscrito aos antigos e clássicos europeus. O que sozinho indicaria uma questão subjetiva, se não espalhasse por vários elementos e condicionasse profundamente seu estilo. Não por acaso, em muitas crônicas, a narradora descreve jantares com capitães e generais. Henn menciona a frequência com que ela está nos quartéis-generais, mas, antes disso ser uma preferência como sugere o historiador, trata-se de um recorte de classe social, às vezes, reduzindo o evento histórico à frivolidade, infelizmente, também típica de nossa elite, como em "Garrafas", que transcrevo na íntegra abaixo:

> Entre todos os regimentos que se renderam, não sei se foi contada a rendição de vários regimentos...de garrafas.
> Contaram-mo num jantar onde oficiais do VIII Exército se moviam com uma elegância tão requintada como se estivéssemos no restaurante mais chic de Londres. Decididamente, séculos de civilização ajudam a saber viver...
> Trata-se, penso eu, de uma condição de paz não mencionada pelos comunicados. Na noite em que a Paz bateu à porta da Itália, com "parlamentários" num vai-vem, foi mandado à gente do Reich este recado - "Que venham com os emissários muitas caixas de *champagne*". E vieram. Em caixas e mais caixas, entregou-se uma legião inteira de garrafas.
> Bebemos ainda esse nectar francês, naquele jantar. Era "Pomery, dix neuf cent trente sept". Vinho de Reims, cuja espuma aprendeu a ser espuma nas místicas espumas de pedra da sua Catedral.
> E foi um pouco da alma incomparável da França que os alemães entregaram aos inglêses em terras da Itália, quando aceitaram, entre todas as rendições, a daquelas garrafas que nos vertiam na taça o trêmulo esplendor de topázio em ebulição... (Idem, p. 119).

Outro dado em que a marca da ideologia conservadora aparece se acha na representação da mulher. Num instante específico, após Majoy sofrer um ferimento nas redondezas de Luca, ela é socorrida em Nápoles e, então, a convite da Cruz Vermelha, vai para Capri se recuperar melhor. No livro, este momento fica registrado na subdivisão "País Azul", que se refere ao período de convalescença da correspondente, no qual os textos se preenchem de lembranças dos meses anteriores. Daí, escreve o seguinte em "Tramontana":

> As moças que trabalham na Cruz Vermelha são para a guerra o que uma dona de casa é para o Lar. Recebem, agasalham, entretêm, em clubes encantadores, toda esta mocidade arrancada ao calor da família, e solta, desgarrada por essa Europa desconhecida; em toda parte o milagre vem afagá-los; numa sala, numa mesa posta para o chá, com os seus bolos tradicionais, lá está tudo quanto é a América. Inclusive a mão, a voz feminina onde um tom familiar evocará a voz da Mãe, da Irmã. (Idem, p. 72)

A mulher ocupa o lugar da dona de casa, uma figura maternal que agasalha os soldados feridos, diferentemente, da própria jornalista que partiu para cobrir a guerra. O mais importante neste caso é atentar para os interesses de quem esta perspectiva satisfaz em 1945; neste sentido, a leitura do livro *Guerra Sem Guerra* (2000) se torna esclarecedora: Roney Cytrynowicz estuda a política da criação da noção de "front interno" no Brasil, ou seja, a ideia de que a batalha além-mar dependia essencialmente da mobilização popular no território nacional – mesmo distante da guerra – como uma espécie de retaguarda estendida do combate. Em particular, o historiador dedica um capítulo inteiro à maneira como o Estado Novo se valeu da imagem da enfermeira como extensão da metáfora "mãe-pátria", para mobilizar esse conceito durante a Campanha da Itália.

> A utilização pelo governo Getúlio Vargas da enfermagem e das enfermeiras – como profissão enquadrada pelo Estado e como modelo de uma certa condição de mulher da classe média (e, em muitos casos, classe alta) – constituiu peça importante da mobilização das mulheres pelo Estado Novo e, já como enfermeiras da FEB e da FAB, representou uma persuasiva imagem de mobilização civil engendrada durante a Segunda Guerra Mundial no Brasil: a imagem da pátria-mãe, que estendia os cuidados (maternos) aos soldados no *front* de guerra, aos filhos da pátria. Essa imagem, construída pelo Estado Novo, pretendia instituir a vivência da guerra, no *front* interno, como uma experiência coletiva que deveria unir todos os homens e mulheres, todos os brasileiros, sem quaisquer estratificações ou divisões sociais, conjugando mobilização para a guerra e adesão política ao Estado Novo (CYTRYNOWICZ, 2000, p. 100)

Não significa que Majoy seja uma agente da ditadura de Getúlio Vargas, no entanto, seu discurso reacionário se alinha à tradição patriarcal do Brasil6, que, por sua vez, era base da ideologia do Estado Novo e essa perspectiva condiciona a forma da narrativa de Sílvia de Bittencourt do começo ao fim do livro. Como foi dito, ela enxerga o mundo a partir dos grandes da terra a ponto de, em certa medida, tornar-se a mensageira do governo literalmente em "Carta de uma correspondente de Guerra na Itália a sua gente", que, segundo a própria correspondente, o General Dutra se incumbiu de entregar aos destinatários do jornal.

> A meu lado, um major cheio de saudades pediu essa mensagem ao Brasil. E eu, que há muito queria dizer essas coisas, vim com imenso prazer, dizer a vocês... Dizer-lhes, meu Deus, coisas sem importância na estratégia ou na política – mas com imensa importância para a casa que ficou longe, para as pessoas a quem queremos bem e que bem nos querem. Felizes dos que deixaram Lar e Família, sabendo que sua volta é esperada como se espera a Felicidade. Mas essa gente de casa não sabe como passa bem o soldado brasileiro. A *única coisa que ele suplica que lhe mandem de casa* – são cartas. Isso, só mesmo a Família pode dar-lhe. O resto ele tem.

> Tem café quente, bem brasileiro, chá e biscoitos, e um chocolate que vem da América do Norte, e doces, e gulodices. O outono que chega trouxe camisas de lã e roupas quentes, e o conforto material que jamais conheceram em manobras. Vocês lhe podem dar somente o conforto moral: - a carta. (BITTENCOURT, p. 54)

A descrição de Majoy se filia à versão oficial da Campanha da Itália7 de que não houve nenhum problema no front, entretanto, ainda que a intensidade das batalhas na frente brasileira tenha sido baixa se comparada a outros episódios da Segunda Guerra Mundial, existem livros como *Guerra em Surdina* (1964) de Boris Schnaiderman ou *Barbudos, sujos e fatigados* (2010) de Cesar C. Maximiano, entre outros, contando que a realidade dos pracinhas estava longe de ser agradável. Acontece que, de forma consciente ou não, a narrativa de *Seguindo a Primavera* se torna uma espécie de porta-voz do Estado Novo e, assim como este governo, que alimentava a incoerência de enviar soldados para lutar ao lado de forças democráticas, enquanto mantinha uma ditadura de orientações fascistas no território nacional, Sílvia de Bittencourt carrega uma contradição no cerne de seu livro – o choque entre os elementos que constituem sua ideologia e a função do correspondente de guerra.

Correspondente de Guerra

O último excerto citado foi publicado no *Correio da Manhã* no dia 10 de novembro e, seja dito de passagem, no mesmo mês, Rubem Braga escreve pedindo cartas ao Brasil no *Diário Carioca*. É possível que todos os correspondentes estivessem juntos na Itália nesta ocasião, porque o texto de Braga acusa a presença de outro repórter brasileiro.

> Francis Hallawell – ou, mais simplesmente, como toda a gente o chama aqui, o Chico da BBC – se deu ao trabalho de fazer umas estatísticas, e me disse que os expedicionários estão mandando muito mais telegramas do que recebendo. Esses telegramas são de frases fixas. A cada uma corresponde um número. Por 60 liras (12 cruzeiros), o soldado pode mandar três números, ou seja, três frases. Eles versam sobre os seguintes assuntos: Correspondência, Saudades de Natal e Ano-Novo, Saúde, Promoção, Dinheiro, Felicitações e Miscelânea. São, ao todo, 124 frases e – ah! - isso é pouco. Podemos mandar dizer à amada: "Saudades" (número 29), e isso é alguma coisa, mas a muito não satisfaz. Um sargento de artilharia, em crise de saudades, gastou 180 liras e mandou três telegramas iguais: 29-29-29; 29-29-29; 29-29-29.
>
> Há, certamente, o recurso das cartas. Mas se o telegrama é lento, a carta é lentíssima. Leva de 20 dias a um mês para chegar, "de maneira que" - já explicou alguém - "o único meio de eu ter notícias de minha mulher em dia é ela me escrever um mês antes". (BRAGA, 1985, p. 55)

Na continuação deste trecho, ele relata a felicidade do soldado que recebe a missiva familiar, por outro lado, a tristeza do sujeito que nada encontra no correio e conta mais algumas anedotas antes de, então, pedir que as pessoas escrevam mandando notícias de toda a espécie, do dia a dia, pois, conclui: "Isso é o vital para estes milhares de homens que estão aqui. Cartas enormes, cheias de coisas, cheias de bobagens sem importância – isso é que é importante, isso é que ajuda a fazer a guerra. Escrevam!" (Idem). A proximidade de Rubem Braga e Majoy adquire um sentido interessante, porque evidencia a existência de algum tipo de pauta comum para os jornalistas brasileiros, provavelmente, com a origem ligada ao departamento responsável pela comunicação do exército, uma vez que, além do pedido de cartas, os dois repórteres escrevem sobre o

massacre de Ca'Berna, que aconteceu após enfrentamentos entre alemães e *partigiani* – homens da resistência italiana – como retaliação. A tropa nazista executou todos os moradores do pequeno vilarejo. Braga descreve um pouco do que aconteceu:

> (...) Depois que os *partigiani* se retiraram, os alemães vieram à aldeia, reuniram todas as pessoas que encontraram em uma casa, contra a qual dispararam um tiro (provavelmente de morteiro), e pelo rombo lançaram granadas de mão. Depois entraram na sala e mataram todas as pessoas, dando em cada uma, de bem perto (desde crianças de quatro anos até o velho de 69), um tiro de pistola na cabeça. Algumas pessoas receberam dois tiros na cabeça. Feito isso, os alemães incendiaram todas as casas – e se retiraram. Nem todas as casas ficaram destruídas, porque as paredes são de pedras, e depois que os alemães se foram, as pessoas que estavam escondidas procuraram apagar os incêndios. (BRAGA, p. 229)

No que lhe diz respeito, Majoy não se atém ao crime. A primeira parte de seu texto não deixa claro o assunto e traz mais uma vez o ar bucólico do território italiano, como se observa abaixo:

> Uma vez tomei um *jeep* que levava no vidro da frente, junto a uma cobra fumando, seu nome cheio de ecos: - "bandeirante". Um capitão preveniu rindo: - "Olhe que nesse *jeep* já morreram três, de estilhaços. Na semana passada foram dois. Olhe os papéis aqui."
>
> Mas lá na montanha cada um pensava que não seria ainda a sua vez. E o dia estava tão bonito, as árvores tão faceiras com seus vestidinhos de flores, todos engomados, que tomamos o *jeep* rindo dessa advertência, como na fazenda se toma o *troley*. Ia ser um alegre passeio nos planaltos campestres onde no entanto, as estradas minadas e os campos verdes e lustrosos escondiam a morte – subimos ao encontro das motos mecanizadas, única tropa de cavalaria na guerra brasileira. O comandante Plínio Pitaluga nos recebeu como um fazendeiro: e o Brasil sabe o que isso quer dizer, em risonha e franca hospitalidade. O punhado de brasileiros que vivia naquela aldeia italiana tornara tudo dum lugarejo do Brasil, - tal é a força da criatura humana sobre as coisas. De quando em vez, um rebanho que não parecia nosso, cortava a única ruela. Mas os soldados gracejavam com o velho pastor como se graceja nas ruas do Brasil com o vendedor de laranjas – italiano de cesta na cabeça, que passa a cantar. Era lá em cima, um cantinho do Brasil. E assim faziam sempre os nossos na terra italiana, no ar translúcido da Europa. Com a alma no Brasil, iam erguendo aqui o rumor de vozes a que querem bem. (BITTENCOURT, pp. 96-97)

Novamente, tem-se a presença da tradição patriarcal incutida na imagem da grande fazenda, que transforma aquele pedaço da Itália num lugarejo bem brasileiro. Não há muitas informações sobre os acontecimentos, sendo este um ponto crucial de *Seguindo a Primavera* – a comunicação dos eventos não corresponde a uma prioridade, ou melhor, a realidade da guerra se choca diretamente com as concepções da jornalista, de modo que sua tarefa profissional é afetada. Trata-se de uma questão de perspectiva, isto é, ao longo do livro, parece que ela conhece seu próprio público, que parte de uma ideia muito bem definida de quem seria seus leitores e, sobretudo, da identificação completa com eles a ponto de não se preocupar em descrever aquilo que não a tange, pois não vai lhes interessar igualmente. A valer, somente a aproximação com Rubem Braga torna possível supor que se refira ao vilarejo de Ca'Berna,

porque, afinal de contas, Majoy não diz a localização do incidente nesta segunda parte, como se lê a seguir:

> Fomos ao alto da montanha, - lá donde se enxergava em baixo o inimigo. Eu queria ver numa aldeia desolada o desolado lugar onde dias antes os alemães tinham executado 29 crianças e mulheres. Mataram porque os patriotas se esconderam... Ia conosco um carro de reconhecimento; é coisa teatral, com uma torre onde se maneja o canhão circular. Paramos debaixo duma macieira cor de rosa, à beira da estrada; fechada por arames havia ali uma espécie de horta singela, com canteiros compridos, algumas flores, e uma cruz. Um homem, igual aos colonos que nos domingos eu conheci em fazendas de São Paulo, de calça de riscado, abriu o portão de arame e entrou na horta que era uma horta do céu. - Indaguei do caminho, mostrando uma casa camponesa como ele. Respondeu: "Foi ali... Aqui é o cemitério...". Explicou muito simplesmente, sem ênfase: - "tenho quatro meus" - "Quatro?" interrogamos horrorizados. Puxou do bolso uma carteira, quatro retratos. Quatro cabeças italianas, de beleza desta terra. A mãe, jovem, risonha, morena como a encosta do monte e três filhas, de dentes claros, rindo à vida que ia começar. 19, 17 e 14 anos. Julieta, neste mesmo país, teve a mesma idade. O revólver bárbaro furou as frontes onde, moço, o sangue batia. Deitou-as ali, naqueles canteiros cercados de arame, essas montanhesas feitas para a terra. Olhei o céu italiano, o fino céu azul onde moram, para tentar encontrar a razão desses martírios... (Idem, p. 97)

A persistência da comparação com a fazenda brasileira atrapalha notícias relevantes como o nome do entrevistado, que se reduz a um colono igual aos de São Paulo. A supremacia do 'eu', e de tudo o que o envolve, ocorre em diversos níveis da narrativa, as impressões da narradora predominam e sufocam, de certa maneira, as informações à sua volta. A tentativa de descrever a beleza da cena contrasta com a morte enterrada em minas terrestres ou nos cadáveres de mulheres e crianças executadas com um tiro na cabeça. Via de regra, a escrita de Majoy não vence esse desacordo entre as descrições líricas e a presença latente da violência do conflito, oscilando entre as duas coisas, efetivamente, as páginas de *Seguindo a Primavera* constituem o campo, no qual esses dois elementos se confrontam interruptamente. Todas essas questões, por final, envolvem sua compreensão pessoal do papel de correspondente, que, pelo menos em três momentos, aparecem claramente:

> 1) [...] Os 'partisanos'estão numa agitação dum moderno 1789 – e como o meu trabalho de Correspondente de Guerra não exige de mim telegramas, mas sim impressões pessoais, declínio pois a ter qualquer impressão, muito menos pessoal, sobre os acontecimentos.
> Corpos de muita gente, formosa ou não, se balançam em árvores que recusei ir ver apesar de lá estar a Imprensa. Para que? Tem tanta coisa no mundo dos horrores, que não se precisa dos olhos inexperientes em política, de quem mesmo na guerra sempre procurou flores – mas flores não há em Milão – só uma atmosfera que também é estrangulada. Fui-me embora – miserável, nesse mundo de misérias – fugi... (Idem, p. 104)

> 2) Não vou descrever o que todos os outros livros sobre a campanha da Itália tão bem descreveram [...] - O vale do Pó que levou à Bologna chave de guerra na Itália – era então coberto de coisas feias de se ver. Para que ser descrito no chão de Primavera a morte tão violenta e tão destroçada. Se dela para nós renascia a vida? (p.108)

> 3) Eu aqui, não descrevo acontecimentos, por quê? Porque nessa guerra, os *headlines* lacônicos e presos dos nervosos telegramas, vibrantes de velocidade, são eles que contam os fatos. Eu procuro a Paz dentro da guerra, seguindo essa Primavera florida que vai abençoar como a promessa da colheita, os frutos que virão de tantas flores. (p. 128)

Além ou através do teor religioso nestes fragmentos, a constituição do estilo de Majoy se baseia numa recusa à guerra, que, isso sim, ela compartilha com os leitores, desde o desconforto com os uniformes, capacetes, jeep, até as descrições das diversas situações em que teve muito medo na Itália. Foi neste sentido que Leonardo G. Henn classifica *Seguindo a Primavera*, erroneamente, como um "relato de férias", visto que, embora as informações relacionadas à guerra sejam mediadas pelas impressões pessoais da escritora como num diário íntimo, as páginas do livro também se revestem da dura realidade bélica do instante, aliás, é deste confronto que a obra adquire um valor histórico.

Conclusão

A voz de Majoy reproduz as versões brasileiras oficiais ou oficiosas da guerra, principalmente, no que concerne a ideologia encrustada nelas, porém, isso não quer dizer que assimila por completo estes discursos. Há certos hiatos entre a visão militar e as convicções da jornalista. O fato de se reconhecer como uma pequenina no meio de um imenso conflito talvez seja um dos melhores ângulos para compreender o espaço entre as duas coisas em *Seguindo a Primavera*. Grosso modo, em termos da teoria literária, existe um descompasso entre forma e conteúdo neste livro, porque a crônica como gênero valorizaria o cotidiano, os detalhes, os costumes, a moda, configurando-se quase em oposição direta ao épico – que por definição se adéqua melhor aos eventos bélicos. Evidentemente, nem Sílvia de Bittencourt e sequer outro cronista tinham a pretensão de escrever uma epopeia, contudo, no caso da repórter, a aversão visceral pela guerra intensifica o desacordo de seu discurso. Aliás, a base em que se estrutura seu estilo está nesta negação, na valorização da vida através do lirismo problemático, que, como vimos, não representa uma fuga propriamente dita, mas uma reformulação da realidade a favor de suas concepções conservadoras, muitas vezes, gerando comentários equivocados. Por isso, penso que o valor do relato de Sílvia de Bittencourt adquire um caráter dúbio: ele não deve ser lido simplesmente como um registro brasileiro da Segunda Guerra Mundial, uma vez que sua ideologia apresenta uma deformação reacionária da história, mas sobretudo porque esta visão precisa ser combatida por leituras críticas e não ignorada, pois ela está na origem de preconceitos inseridos na cultura brasileira, que permanecem até hoje em nossa sociedade. Com isso, julgo importante dizer que o presente artigo é consciente de suas limitações, uma vez que o assunto exige um trabalho mais intenso de pesquisa e reflexão. Minha contribuição se circunscreve apenas na tentativa de fomentar um debate em torno do tema. Afinal, como diz a própria Majoy (p. 8), "*essa guerra é como o elefante: 'para ser descrito, tudo depende de que lado que a gente o olha'*".

Referências bibliográficas

BITTENCOURT, Sílvia de (Majoy). *Seguindo a Primavera*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora. 1951.

BRAGA, Rubem. *Crônicas da Guerra na Itália*. Rio de Janeiro: Record, 1985.

CYTRYNOWICZ, Roney. *Guerra sem guerra*. SP: Geração Editorial / EDUSP, 2000.

ESQUENAZI, Rose. *O Rádio na Segunda Guerra*. Florianópolis: insular, 2014.

HENN, Leonardo Guedes. "Os correspondentes de guerra e a cobertura jornalística da Força Expedicionária Brasileira", in: *História*, n. 2, Unisinos, maio/ agosto, 2006.

MAXIMIANO, Cesar Campiani. *Barbudos, sujos e fatigados: s*oldados brasileiros na Segunda Guerra Mundial. São Paulo: Grua, 2010.

MORAES, J.B. Mascarenhas. *FEB pelo seu Comando*. São Paulo: Progresso, 1947.

SCHNAIDERMAN, Boris. *Guerra em surdina*. Rio de Janeira: Civilização Brasileira, 1964.

UDIHARA, Massaki. Um médico brasileiro no front: o diário de Massaki Udihara na IIº Guerra Mundial. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2002.

Notas

1 Cf. Prefácio escrito por Roney Cytrynowicz para o livro Um médico brasileiro no front: o diário de Massaki Udihara, no qual o historiador defende uma política de valorização dos testemunhos sobre a Segunda Guerra Mundial.

2 Este é o pseudônimo com o qual Sílvia de Bittencourt assinava todas suas crônicas no Correio da Manhã do Rio de Janeiro, pelo menos, desde os anos 20.

3 HENN, Leonardo Guedes. "Os correspondentes de guerra e a cobertura jornalística da Força Expedicionária Brasileira", in: *História*, n. 2, Unisinos, maio/ agosto, 2006.

4 Refiro-me a acepção mais comum da palavra "ideologia", encontrada nos dicionários.

5 Os comentários de Leonardo G. Henn reproduzem o caminho dicotômico, o que prejudica seu movimento crítico.

6 Sílvia de Bittencourt narra que, um pouco antes de ser ferida, na confusão daquele momento, teve tempo para pensar, em suas palavras, "Meu Deus quanta gente de cor veio do Brasil". Não eram brasileiros envolvidos no confronto, mas o 92º regimento norte-americano, formada basicamente de homens negros, que lutaram separados dos soldados brancos nas tropas dos Estados Unidos. Trata-se de uma das contradições da Segunda Guerra Mundial, pois, a luta pela democracia dos aliados não previa igualdade racial neste caso. Naquilo que se refere a Majoy, a expressão "gente de cor" remete à cultura escravagista brasileira, que também fundamenta a tradição patriarcal.

7 Cf. MORAES, J.B. Mascarenhas, 1947.